

RESENHA DE *DICTIONNAIRE MINI TOP FRANÇAIS-ANGLAIS / ANGLAIS-FRANÇAIS. AVEC UN GUIDE DE CONVERSATION*

Félix Valentín Bugueño Miranda¹

felixv@uol.com.br

A parceria entre as prestigiosas editoras Hachette (francesa) e Oxford University Press (inglesa) oferece um texto de referência que, de acordo com uma classificação taxonômica fenomenológica de obras lexicográficas, corresponde a um “mini-dicionário”. Além disso, a obra em questão almeja ser bifuncional, segundo a terminologia metalexicográfica, ou seja, almeja atender as necessidades de consulta dos usuários tanto de língua inglesa como de língua francesa. A mesma teoria metalexicográfica, no entanto, reconhece que, a final de contas, um desses usuários acaba sendo privilegiado. A análise feita a seguir confirmará a veracidade dessa afirmação.

O dicionário, doravante citado como HaOxAnFr (2008), está composto por uma tábua fonética do inglês, uma lista de abreviaturas, um guia de conversação e as duas ordenações macroestruturais, uma na direção francês-inglês e outra na direção inglês-francês. Embora, no prefácio, se mencione que HaOxAnFr (2008) almeja satisfazer as necessidades de “comprender e traduzir as palavras e expressões mais comuns do francês e do inglês contemporâneo” [comprendre et traduire les mots et expressions le plus courants du français et de l’anglais d’aujourd’hui], na verdade, parece ser o usuário de língua francesa quem mais tira proveito da consulta ao dicionário. Essa preferência se reflete tanto nos componentes canônicos da obra lexicográfica, ou seja, macro, micro e medioestrutura, como também nos componentes ligados ao outside-matter. Assim, por exemplo, a tábua de transcrição fonética descreve unicamente as realizações fonéticas do inglês. O usuário de língua inglesa, no entanto, não conta com nenhuma orientação sobre as particularidades fonético-fonológicas do

¹ Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

francês. O guia de conversação (“guide de conversation”) é outro exemplo dessa preferência do dicionário, já que a direção das frases vai somente do francês ao inglês, não ocorrendo o contrário. Aliás, as frases aparecem muito bem dispostas em 29 situações de comunicação, tais como “palavras e frases chave”, “conversação comum” [conversation courante], “no aeroporto”, etc. Além disso, fornece-se um vocabulário básico pertinente a cada situação de comunicação. Assim, por exemplo, no item “aeroporto”, aparecem, como equivalentes do francês *un chariot à bagages*, as formas “a luggage trolley” e “a cart”, devidamente marcadas diatopicamente (inglês britânico e inglês americano, respectivamente).

Considerando que o dicionário almeja ser bifuncional, a análise dos componentes canônicos será feita a partir do contraste das decisões adotadas para cada “direção” do dicionário, ou seja, francês-inglês e inglês-francês.

No plano macroestrutural, na direção francês-inglês, a primeira observação a ser feita é que o dicionário adota uma ordenação de estrutura lisa, o que faz sentido, considerando que, para o usuário de língua francesa, a direção francês-inglês corresponde à função ativa. Dessa forma, cada signo-lema aparece conseqüentemente recuado à esquerda, como no intervalo *abord*, *abordable*, *abordage* e *aborder*. Nesse mesmo sentido, é pertinente salientar que HaOxAnFr (2008) optou por uma solução homonímica, isto é, a criação de entradas diferentes por distinção morfológica, como em *aide*¹ (nmf) / *aide*² (nf), *aller*¹ (v aux) / *aller*² (nm) *avant*¹ (adv) / *avant*² (adj) e *envers*¹ (pré) / *envers*² (nm). No que diz respeito a outros aspectos da definição macroestrutural qualitativa, o dicionário lematiza nomes próprios, tais como *Ali Baba*, *Antilles*, *Artaban*, *Elysée*, *Marseillaise* e *Polytechnique*. A inclusão dessas unidades encontra duas razões. Há casos em que aparece a forma sintagmática “la caverne d’ ~, Aladdin’s cave”, como s.v. *Ali Baba*, s.v. *Antilles* “West Indies”, ou s.v. *Artaban* “fier comme ~ proud as a peacock”. Nesses casos, o nome próprio apresenta um equivalente na língua-alvo (= inglês), e essas informações devem ser interpretadas como instruções de um dicionário ativo para falantes do francês. Nos demais casos, ou seja, *Elysée* “the official residence of the French President”, *Marseillaise* “French national anthem” e *Polytechnique* “Grande École of Science and technology”, a lematização dos nomes próprios se justifica, se consideramos que essa direção também corresponde a um dicionário passivo francês-inglês para falantes do inglês.

Ainda nesse mesmo âmbito, a lematização de siglas, tais como ANPE, CNED, CNRS, ENA, EDF, MA e MST, só é útil para o falante nativo do inglês, que interpreta, voltamos a insistir, a direção francês-inglês como um dicionário passivo. É necessário mencionar, ainda, a presença massiva de formas “token”. Os “token” podem corresponder a formas verbais

flexionadas (*accru* “_{pp} ► *accroître*”), formas de feminino (*actrice* “► *acteur*”), formas de plural (*franc-maçon*, *-onne* _{pl} *francs-maçons*, *franc-maçonnes*) ou contrações (*au* “_{prép.} (à *le*) ► *à*”). Pouco compreensível, no entanto, é o fato de se lematizar de formas desusadas [vielli], tais como *airain* “bronze”. Em um dicionário “mini”, como o HaOxAnFr (2008), espera-se que, de fato, o vocabulário corresponda ao uso “*lê plus courant*”, como se afirma no “Préface”.

No âmbito microestrutural, por outro lado, a direção francês-inglês apresenta vários aspectos interessantes. Em primeiro lugar, e seguindo a tendência atual em lexicografia, os equivalentes são discriminados por distinguidores semânticos, como s.v. *abandoner* “(...) [matière] to drop; [course] to withdraw (from); [navire] to abandon (...)”; *là* “(...) [lieu] there; [ici] here (...)”; *lâche* “(...) [personne] cowardly; [ceinture] loose (...)” e *personnel*, *~elle* “(...) [ami] personal; [adresse] private (...)”. Isso, obviamente, constitui uma ajuda inestimável para o consulente. Também é necessário salientar que os equivalentes apresentam marcação diatópica, distinguindo-se entre a norma léxica britânica e a norte-americana, por meio das etiquetas *GB* e *US*, como acontece, por exemplo, s.v. *automne* “(...) autumn^{GB}, fall^{US}”; *inventaire* “(...) stocklist^{GB}, inventory^{US} (...)”, *mouler* “(...) to mould^{GB}, to mold^{US} (...)” e *trapèze* “(...) trapezium^{GB}, trapezoid^{US} (...)”. Um aspecto que merece destaque especial é a distinção, nos equivalentes, entre nomes contáveis e não contáveis [dénombrable – non dénombrable], fato que constitui um traço mais do que distintivo da forma interior da linguagem no inglês. Não é comum que dicionários bilíngues, especialmente os intitulados de “mini”, costumem definir esse segmento informativo no programa constante de informações. Exemplos dessa distinção (assinalada por “Φ” para os não contáveis) se encontram s.v. *échafaudage* “(...) scaffolding Φ”; *échange* “(...) ~s commerciaux trade Φ”, *embrassade* “(...) hugging and kissing Φ”, *ragot* “(...) gossip Φ”, *rangement* “(...) storage space Φ” e *recherche* “(...) research Φ”. Relacionado ao anterior, cita-se também o caso de *pantalon*, e seus equivalentes “trousers” e “pants”, que aparecem marcados como “plurality tantum”.

Para o final dessa seção, reservamos um aspecto que merece comentário à parte. HaOxAnFr (2008) considera também o eixo diafásico-distrático do inglês como parte da descrição do diassistema léxico do inglês. O fato merece ser salientado não somente pela importância de se oferecer equivalentes com um grau tão alto de discriminação, mas também, e como já foi comentado, em função de que os dicionários de formato reduzido apresentam, em geral, um conjunto bastante limitado de informações. Além do mais, e seguindo uma tendência da lexicografia bilíngue alemã, empregam-se os ícones ☺ e ☹ para se distinguir entre os valores “familiar” [familier] e “popular” [populaire], respectivamente. No entanto,

uma decisão tão louvável pouco ajuda o consulente, já que esses ícones aparecem em tamanho muito pequeno, em uma mancha gráfica que já apresenta dimensões reduzidas. Nessas condições, o reconhecimento do valor do ícone se torna muito difícil. Exemplos de equivalentes marcados diafásico-diastraticamente se encontram s.v. *lavette*, *môme*, *ralêr* e *souk*.

Na direção inglês-francês, por sua vez, repetem-se as decisões metodológicas adotadas na contraparte francês-inglês.

Em termos macroestruturais qualitativos, observa-se uma profusa lematização de formas “token”, que espelham muito bem as particularidades morfofonológicas, ortográficas e morfológicas do inglês. Exemplos claros e consesquentes desse critério de lematização são *all right*, *alright*; *amid*, *amidst*; *an* “► a”; *isn’t* “is not”; *I’ve* “I have”; *jeweller*^{GB}, *jeweler*^{US}; *lost* “► lose”; *odour*^{GB}, *odor*^{US}. Há também casos de realia, tais como *A-level* “(...) II ~s *np*: examen de fin de cycle secondaire permettant d’entrer à l’université ≈ baccalauréat *m*”; *GI* “soldat américain”; *Independence Day* “fête de l’indépendance, le 4 juillet” e *Oxbridge* “universités d’Oxford et de Cambridge”. Da mesma forma, foram lematizados também nomes, tais como *Homme-Office* “ministère *m* de l’intérieur”; *May Day* “premier mai *m*” e *Palm Sunday* “dimanche *m* des Rameaux”. Ao exemplo da contraparte francês-inglês, HaOxAnFr (2008) inglês-francês arrola, na macroestrutura, siglas como *a/c*, *AD*, *NBC*, *UFO* e *UK*. Essas informações, naturalmente, são prioritariamente destinadas ao usuário de língua francesa, que emprega a direção inglês-francês como um dicionário passivo. Uma diferença substancial em relação à direção francês-inglês é a ausência notável de soluções homônimas. Encontrou-se um único caso em que se atuou dessa forma: *unused*¹ / *unused*². A solução amplamente empregada, via de regra, é a polissêmica. Dessa forma, HaOxAnFr (2008) segue a tendência de muitos learner’s dictionaries do inglês, que adotam a solução polissêmica com respaldo na mudança de classe gramatical de unidades léxicas do inglês, sem que haja aparelhado com o acréscimo ou substituição de morfemas. Um caso sem aparente explicação é *all-in* “[price] tout compris” e *all-in* “crève, épuisé”, em que a progressão vertical dos lemas sugere em uma solução homônima, embora não exista nenhum indicador estrutural (expoente) que indique essa situação. Eventualmente, poderia tratar-se de um simples erro tipográfico.

No plano microestrutural, por outro lado, a direção inglês-francês oferece um panorama análogo à contraparte francês-inglês. Em primeiro lugar, os equivalentes aparecem sistematicamente precedidos de distinguidores semânticos. Como exemplo, poder-se-ia citar os casos de *careful* “(...) [person] prudent; [planning] minutieux/-euse; [research] méticuleux/-

euse (...)”; *dreary* “(...) [landscape] morne; [person] ennuyeux/-euse”; *overweight* “(...) [person] trop gros/grosse; [suitcase] trop lourd” e *shaky* “(...) [chair] branlant, [regime, memory] chancelant”. Curiosamente, lemas do inglês que correspondem a nomes não contáveis possuem também o indicador “♣”, embora praticamente sem funcionalidade alguma. Dentre esses casos, citamos *action* e *information*. Esse segmento do comentário de forma não é proveitoso para o falante nativo do inglês, pois ele já “sabe” isso na sua língua materna. Tampouco tem alguma utilidade para o falante do francês, que consulta a direção inglês-francês como um dicionário passivo, pois as particularidades morfológicas (flexão de número) já estão inseridas sintagmaticamente no texto na língua fonte (o inglês), de modo que não constituem para ele um problema de cálculo. Nesse mesmo contexto, deve-se destacar também o fornecimento da flexão de gênero nos equivalentes franceses como em *caring* “(...) [person] affectueux/-euse, [attitude] compréhensif/-ive, [society] humain”, *mechanic* “(...) mécanicien/-ienne (...)” e *precious* “(...) précieux/-euse (...)”. Como no caso anterior, esse segmento informativo é completamente inútil para o falante do francês, embora seja, de fato, altamente funcional para o falante do inglês, na medida em que ele consulta a direção inglês-francês como um dicionário ativo.

Finalmente, não se pode deixar de mencionar o fato de se fornecerem outras informações referentes ao comentário de forma, tais como a indicação de reduplicação de consoante para muitas formas verbais de participio no inglês, como s.v. *nab* “(...) *vtr* (*p prés etc – bb-*) [catch] pincer” e *nag* “(...) *vtr, vi* (*p prés etc –gg-*) embêter”.

Na parte inicial dessa resenha, comentou-se que um dicionário bifuncional acaba sempre sendo mais útil para um dos dois possíveis usuários aos quais se destina. No caso de HaOxAnFr (2008), embora os seus redatores tenham se esmerado na aplicação coerente de uma mesma metodologia para descrever uniformemente os “facta linguae” do inglês e do francês, a própria forma interior da linguagem do francês faz com que o usuário de língua francesa, na direção inglês-francês, interpretada como um dicionário passivo, se depare com segmentos informativos sem nenhuma utilidade. Nesse sentido, esse usuário é submetido a um ruído que, paradoxalmente, constitui, ao mesmo tempo, um ganho para o usuário da outra língua. Essa situação é amenizada, no entanto, pelo fato de que o programa constante de informações é relativamente simples. Essa é, tal vez, a chave que permite fundamentar por que HaOxAnFr (2008) pode ser considerado um verdadeiro acerto como dicionário bidirecional. A única consideração crítica a ser feita é que o usuário ganharia ainda mais se a mancha gráfica fosse aumentada.

Dictionnaire Mini Top Français-Anglais / Anglais-Français. Avec un guide de conversation.
Oxford, Paris: OUP/Hachette Éducation: 2008 (692 p.)